

Agnelo Morato

E o caçula, entre 10 irmãos, da família Sarto Morato, radicada em Franca, fez sua passagem também. Tio Miguel marcou o dia de sua partida deste orbe com sua proverbial discrição. Filósofo à maneira cínica de Diógenes, deu sempre bom humor às suas constantes dificuldades. Há cinco anos o médico amigo, dr. Samuel de Almeida, seu sobrinho colateral, declarou, melindrosíssimo seu estado de saúde. Aneurisma na aorta dar-lhe-ia ponto final a qualquer momento. No entanto, ele, arguto, compreendeu e deduziu das reticências do clínico a gravidade de seu estado. Mesmo assim não se abalou e fez brincadeiras com a chamada morte. Sua resistência física contrariou o veredicto da ciência e viveu ainda tempo não previsto por aquele prognóstico. Contudo, ao aproximar-se do fim, nestes últimos tempos do que em todo aquele de sua caminhada terrena! Foi grande amigo e desajeitado conselheiro entre nós. Inteligência robusta, memória viva sob o compasso de coração humano e sensível. Até certa altura de sua vida boêmia foi intragante materialista. Ironizava a justiça divina. Certo dia, porém, acontecimento supra-normal sacudiu-lhe a crença. Teve resposta às indagações que fazia sobre o fato nas obras de Kardec. Depois sua aproximação com os espíritos deu-lhe segurança. E adiantava-nos: «Minha Estrada de Damasco foi a Casa de Saúde «Allan Kardec» e meu «Anônimo» foi o José Russo». Serviu nesse nobre como fotógrafo (sua profissão) e tornou-se assistente de reuniões dessa casa. O passamento de Miguel Morato (nosso tio, para honra nossa) trouxe-nos lembranças, que ficaram perpetuadas em nossas reminiscências... Não estudou devido à sua condição de pobre, filho de emigrante. Não burilou, como era necessário, seus dotes intelectuais.

No entanto, compreendeu sempre o valor da cultura e estimulava a todos que se dispunham a educar-se e a instruir-se para vencer na vida. Tuemos dele incentivo ímpar.

Sempre reservou para nossos pequeninos êxito quer na carreira profissional, quer em outras atividades sociais, o abraço comovente e sincero. Animava-nos ao ler nossos artigos e dava-nos sua opinião amiga. Tipo do «mão aberta». Era o «sal» para tudo. Nada possuía, porque dava seus pertences aos outros. Sua preocupação era ajudar. Nos negócios em que se envolvia era certo o prejuízo. Falava-lhe malícia, conforme adiantou-nos, certa vez, um porfim de artigos. Seu desprezimento de coisas materiais, levou-o à pobreza abençoada. Quando procuraram roupa para vestir seu corpo, a fim de fazê-lo mais em ordem para seu sepultamento, nada se encontrou. Até o termo novo, que lhe deram, dias antes, ofertara a certo amigo que lhe fora visitar.

Tudo que lhe vinha às mãos era assim repartido. Dono de imaginação fértil, possuía gosto pitoresco pelas anedotas e criava trocadilhos bem dosados. Gostava de citar prolóquios em latim, o que aprendera de «ovidos». Diversas passagens nos revelam sua formação sentimental. Entre outras, uma é edificante. Certa vez, escolheram no pátio substituir o carcereiro da Cadeia Pública de Franca, que entrara em gozo de férias. Tio Miguel entrou logo na intimidade de todos os presos. Avaliou a miséria de cada um e aderiu às suas desditas. No dia seguinte, houve alarme na Delegacia de Policia. O delegado ficou luto. Miguel Morato deu liberdade condicional, à revelia da Justiça, a todos os presidiários, que estavam sob chaves. Chamado a prestar esclarecimentos, explicou-se com lembranças: «Abri-a as portas da prisão a aqueles infelizes, porque não os julgava culpados de crime algum». E verberou contra a sociedade, que admite os maiores crimes nos em seu seio e manda à enxada os de menos responsabilidades. «Muita gente burla a lei e anda de braços dados com a Lei», foi seu desabafo final. Teve ele que sofrer consequência desse gesto e foi tido como obediado. Louco a dizer verdades reais e frias!... Seu sepultamento deu prova à sua família do quanto era estimado. Inúmeros foram os que lhe levaram essa prova de estima. Junto à sua sepultura, lá no cemitério bucólico de Guapuí, falou seu velho

amigo José Russo que, em síntese, ressaltou diversas facetas de sua educação cristã. Teve, nos últimos tempos, a dedicação de santa mulher (a da. Eta) que lhe aturava os excessos e os percalços da enfermidade fatal. Ali, ao lado de seu leito de doente sem remédio, postava-se seu céu de estima, o «Biló», que lhe entendia até os gemidos...

Esta crônica fazemo-la sob o ritmo do coração emotivo. Tio Miguel sempre lia nossos desataviados escritos e incentivava-nos nessa tarefa árdua e ingrata. Sabemos que há de sentir, agora ou mais tarde, essas frases em torno de vida ajustada pela sua alma bondosa. E sentir, afinal, todas nossas palavras que, em conjunto, representam nosso «até breve», nesta despedida de saudade!... Tenha ele, sob a guarda dos Mensageiros de Jesus, sua libertação a fim de poder reencontrar os que lhe precederam na passagem para o «Estado de Láz»... Ao seu espírito, Tio Miguel, nossos augúrios de paz e alegria sob as bênçãos da Bondade eterna!



CONVITE

Os Diretores do Centro Espírita «Esperança e Fé», Grémio Espírita, Mocidade Espírita e União Municipal Espírita de Franca, convidam todos os espíritos e amigos em geral para o ato inaugural do novo prédio da «FUNDAÇÃO ESPÍRITA «ESPERANÇA E FÉ», cuja ocorrência dar-se-á dia 7 de fevereiro (sábado), às 19 horas, à Rua Campos Sales, 929. Fazem público este convite em vista de ser quase impossível expedirem convite especial aos seus inúmeros colaboradores desta como das cidades vizinhas.

A presença dos amigos e confrades à inauguração da nova sede será a prova do estímulo constante, bem como da solidariedade cristã, às suas atividades.

Carta de Saudade à Minha Mestra

(Em homenagem à Profa. Maria Marcondes Rodrigues - Da. Maricas, cujo passamento se deu nos primeiros dias de Janeiro de 1959)

D. Maricas, mestra e amiga: Acabas de passar para a vida verdadeira. Bem sei: há de desfrutar muita paz e tranquilidade, devido às virtudes que soubeste cultivar aqui na terra. Conquistaste isto à custa de trabalho, constância e devotamento cristãos. Não tiveste filhos de teu sangue. No entanto, quantos de nós, consideramos-te mãe extremosa. Sim, porque foste mãe de muitas criaturas e soubeste encaminhá-las carinhosamente. Duas gerações de moças, em nossa terra, elegem-te como verdadeira mestra, a segunda mãe terrenal... Que ternura, que coração sublime! Eras enérgica na oportunidade exata de teu dever como educadora. Quando, às vezes, julgavam-te exigente em demasia, bastava sentir tua orientação desvelada e viamos-te nimbada com a auréola da verdadeira professora. Ensinaste-nos a teoria aliada à prática que enriqueceu a experiência. Soubeste, assim, dar-nos conselhos sábios e lições de elevação moral.

Teu exemplo de simplicidade representa, para nós e também aos teus familiares, hino de louvor à Criação! Despertavas sempre nos corações os sentimentos a fim de que pudessemos vencer o orgulho e a vaidade. Todos os que contigo conviviam tiveram sempre o que aprender. Poristo, mestra querida, teu exemplo ficou-nos como estímulo permanente. Teu senso de economia fala-nos à lembrança, res-

A NOVA ERA

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SÃO ALLAN KARL

ANO XXXI
N. 1044

Redação: Rua José Marques Garcia - 21 Oficinas: Av. Major Nicolato 77 - C. Postal, 65-FRANCA

Diretor de 15-11-927 a 21-6-942: José Marques Garcia
Diretor: Dr. Tomas Novellino — Gerente: Vicente Rieblho — Redator: Dr. Agnelo Morato

CREPÚSCULO DESOLADOR!

A vida humana, tão cheia de alternativas, desdobra-se em fases de tranquilidade e bem estar, visitada igualmente por incertezas e angústias, não raro sob a inclemência de rajadas do sofrimento, caldeando o destino das almas na senda da evolução. Da juventude à idade medu-

José Russo

ra quase não se percebe o girar do tempo. Preocupados com os objetivos imediatos da existência, tudo nos parece distante da etapa final. Os anos se acumulam, despontam a velhice, surge a decrepitude com seu lúgubre cortejo de achaques, conseqüentes do desgaste físico, e a criatura que tanto viveu e não se preparou para a última cena, se aferra à vida na ansia silenciosa e dolorida de impedir o trabalho da mãe natureza, a eterna renovadora que não retrocede e não se desvia de sua rota milenar. O ócio da vida predispõe o homem à meditação do próximo fim. A morte se lhe apresenta como sentença irrevogável. Sabe que com o correr dos dias, mais um passo o aproxima do termo, concentrando os seus pensamentos em preparativos para a longa viagem.

Se uma crença sincera, nascida de uma fé robusta alimentada o seu coração nos destinos da vida além da morte, crença que se radica desde os distantes dias da mocidade, o crepúsculo será brando e benéfico até o derradeiro alento. Porém, se a existência se esvaia em torno de interesses humanos, ofuscada pelos prazeres e glórias que se desfazem como o fumo dos artificios, a noite da agonia será mais longa e povoada por fantasmas da revolta que geram a inconformação, forçando tentativas de absurda reconstrução orgânica, numa cartada desesperadora para sobreviver à ruína iminente.

O crepúsculo faz-lhe descobrir o valor real das coisas julgadas de supremo interesse, pelas quais tanto lutou. Análise fatos ocorridos em circunstâncias únicas, encontrando a razão dos reveses que lhe puzeram à prova os sentimentos, deixando o sabor de amargas experiências ao longo do trajeto. Rememora os anos vividos, reporta-se a detalhes de ações praticadas com suas inevitáveis conseqüências. Compreende tardiamente a causa da dispersão dos amigos, de todos aqueles que nos dias de róseas bonanças protestavam amizade fraterna e leal. Recapitula, no silêncio do abandono, a atitude dos familiares, de todos aqueles que integraram o núcleo sagrado do lar, agora bem instalados na vida, olvidando deveres filiais, abandonando à própria sorte velhos pais, sem um carinho, sem a recompensa justa e humana de um amparo, um acolhimento reconfor-

tante. O entardecer apresenta-se glacial, chelo de apreensões e tristezas, evolumadas pela sombra de torturante isolamento...

x x x

O fim da vida terrena constitui, para os que se viram desprezados pela esposa e pelos filhos, condição difícil de suportar com ânimo sereno. Idêntica a dos exilados, amargando os derradeiros dias em pátria adotiva. É nessa emergência inevitável da lei, que se aquilata, como o despertar de um sono letárgico, da nulidade de tantas ilusões mantidas como verdades divinas com relação ao amor e devotamento da família, ou seja, melhor dizendo, dos filhos fortes e independentes para com os pais decrepitos, esquecidos, enfermos. Só quando a noite desce com seu espesso manto, roubando as últimas esperanças de sobrevivência, é que despertamos à dura e ingrata realidade de uma situação jamais esperada, proporcionada por aqueles a quem tudo fizemos, a quem demos tudo, tudo, sem medida, sem recompensa, de alma e coração, muito além de um encargo divino!

Ah! Quanto engano, quanta dor a magoar a alma sensível dos velhos que legaram filhos à nova geração! Humilhados, curvados ao péso da ingretidão dos entes queridos que não os querem, passam então a sofrer o amargo cálice do desprezo, dentro das horas de doridas reminiscências que o tempo não extingue! São recordações que sangram e provocam o desflar de escaldantes lágrimas nas noites infelizes, a evocarem como espectros, exibindo na tela dos pensamentos exaustos, quadros ressurgidos da história sempre nova do drama quotidiano de cada um!...

Velho... na linguagem e consenso popular, tem o significado de resto, trapo, lixo... o que já foi, que viveu no passado, teve projeção, foi alguém!... Viveu, prestou serviço, gastou-se com o atrito dos anos, hoje é o m b r a, a sombra de ontem, nada possui, até o nome perdeu!...

Velho!... péso morto na sociedade... impaciência para os amigos, impediço e aborrecimentos para os parentes, onus a pesar nos departamentos assistenciais, destinados a recolher das ruas o rebutalho vivo que se choca com o conforto dos transeuntes joviais, fartos e felizes!...

“A Nova Era”
Um Jornal a serviço da difusão do Evangelho em todo o Brasil

Odete Ferrante Vieira

MÃO DE FADA

A memória de minha estremeçada genitora

Beijo-te a mão que afaga, ó mãe querida,
Imerso em teu enlevo que me induz
A mourear na exuberante lida,
Em meio de esplendor da eterna luz!

Beijo-te a mão de fada, enobrecida,
Que aponta para o fúlgido Jesus,
Indicando-me a senda tão florida,
Plena de glória e encanto que seduz...

Mão de ninfa, que em noite silenciosa,
Roçava, sobre mim, com sua alvura,
Entre orações piedosas e vibrantes.

Sejas bendita, ó mãe afetuosas,
Fonte de amor e arcanjo de ternura,
Que me guaste os passos vacilantes!

Leonardo Severino

CORREIO DE "A NOVA ERA"

U. F. (AB. DOURADOS) O caro poeta procura exemplo em redondilha maior e quer nos jogar contra poeta irrefutável. As rimas em redondilhas podem ser toleradas nos tercetos e quartos versos. Os decassílabos, porém, (esse o nosso modo de ent-ndê-los) exigem estética e bom gosto. Além do rigoroso ritmonas 6.a e 8.a sílabas e o fecho justo da 10.a sílaba, as tónicas devem ter sentido para o equilíbrio artístico. Há decassílabos em versos brancos (procure ler Fagundes Varela), mas sua cadência é música divina. Seu último soneto, não sei se o devemos chamar mesmo] de soneto, não está bom. A maioria dos versos é em 12 sílabas, mas não pode ser aceita como alexandrinos, porque não há entre os dois versos em sextilhas - o chamado hemistichio. «Zeus» é um dos deuses da superada mitologia. O nome de Deus, pelo senso monoteísta, não pode ser confundido com aquela entidade que era tida «como o Deus dos Deuses».

Continuamos a dar preferência às poesias de objetivações doutrinárias, evangélicas e espiritas, dois nosso jornal não pode se dar ao luxo de manter coluna de literatura subjetiva. Grato e disponha sempre.

x X x

A. P. (Inhumas - Go.) Nós também só temos curso primário, meu amigo. Quando nos faltaram p e r n a s procuramos muletas e aproveitámo-las para andar. O irmão deve cultivar seu talento. Leia bons poetas e veja se consegue tratados de versificação. Há muitos e todos orientam bem. Se o prezado poeta confessa-se tão inculato, não justifica seu poema «Gorgias And Forget». Se isto é para levar-nos a crer conhece o inglês, achámo-lo fugir à simplicidade.

Deixa maneira torna-se elemento do artificialismo banal.

Hoje se dá nome, a essa maneira desleal, de esnobismo. O cristão consciente deve fugir dessas tentações perigosas.

x X x

ROSELI (PONGAI) Suas estrofes, evadas de rimas pobres. Os gerúndios devem ser evitados como rimas, bem como os infinitivos de verbos. Os participios, bem como os artigos indefinidos, enfiaram nossa linguagem. Dão-lhe influência de

galicismo injustificável. Devemos aproveitar, de seus poemas, «Confissão». Antes, porém, devemos obedecer a exigência da Redação. Nenhum trabalho aqui se publica sem o nome do autor. Respeitemos seu pseudônimo, porém é necessário enviarmos seu nome completo para nossa documentação.

Ainda para seu govêrno: «monte» não é rima correspondente à palavra «distante»...

Toriba-Acã

Secção da Mocidade Espirita de Franca

A CARGO DA MOCIDADE

CONCENTRAÇÃO

Será realizada, de 7 a 10 de fevereiro próximo, nesta cidade, a III CONCENTRAÇÃO DAS CAMPANHAS DA FRATERNIDADE, cujas reuniões terão como local o Centro «Esperança e Fé», que é também a nova sede da Mocidade.

Uma centena de jovens deverá chegar a Franca, no dia 7 de fevereiro, para participar do conclave.

NOVA SEDE

O C. E. «Esperança e Fé» - nova sede da MEF, será inaugurado no próximo dia 7 de

fevereiro, quando também serão reiniciadas as reuniões da Mocidade, naquela local.

VALIOSO DONATIVO

O Lions Clubs de Franca doou um fogão de 4 bocas, com dois bujões de gás e todo equipamento ao C. E. Esperança e Fé.

A solenidade de entrega teve lugar na sede do centro, com o comparecimento de sócios daquele prestigioso Clube, inclusive do seu presidente, sr. Higino Jacintho Caleiro que falou em nome da entidade que preside, destacando o valor de solidariedade humana na solu-

Declarado de Utilidade Pública o Centro Espirita «Esperança e Fé», Fundado por José Marques Garcia

Por Decreto-Lei assinado em data de 7 de janeiro de 1959, pelo Governador do Estado de S. Paulo, foi declarado de utilidade pública o Centro Espirita «Esperança e Fé», de nossa cidade, considerado a Casa Mãe do Espiritismo Francano, pois que suas atividades datam desde 1908. O benefício para essa nossa tradicional entidade de assistência social e cultural deve-se aos esforços do autor do projeto-lei, Deputado dr. Guilherme de Oliveira Gomes, cujas premissas foram oferecidas à apreciação dos seus pares em agosto do ano passado. Damos abaixo, na íntegra, o texto do referido decreto lei, publicado na edição do «Diário Oficial», em 9 de Janeiro de 1959, às pgs. 4.

«LEI N.º 5.146 DE 7 DE JANEIRO DE 1959

Declara de utilidade pública o Centro Espirita «Esperança e Fé», com sede na cidade de Franca.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO: Faço saber que a Assembléa Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — É declarado de utilidade pública o Centro Espirita «Esperança e Fé», com sede na cidade de Franca.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governô do Estado de São Paulo, aos 7 de Janeiro de 1959.

JÂNIO QUADROS

OSCAR PEDROSA HORTA

Publicada na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governô aos 8 de Janeiro de 1959.

Altino Santarem - Diretor Geral Substituto.

Sôbre a Excelência da Caridade

Dar esmola é dever social de todos os homens de coração bem formado. Ninguém merece elogio ou retribuição pelo bem que praticou, porque apenas cumpriu um dever. Ninguém nos deve nada pelo bem que fizemos; nem Deus. A recompensa, a gratidão, a exaltação, a paz e a Caridade. Não praticamos o bem esperando a recompensa de Deus, porque se assim fosse, estaríamos fazendo o bem mais para nós mesmos do que para nosso próximo: damos um pedaço de pão para ganharmos a padaria; oferecemos um relinho de trapo, para sermos recompensados com a Fábrica de Tecidos; encaminhamos um cruzeiro para depois recebermos a Casa da Moeda. Isso não é Caridade.

«Não soaba a tua mão esquerda do que fez a direita» - ensinou Nosso Senhor. Quem dá para receber, apenas faz uma troca. Caridade não é mercadoria de praça que se troca ou que se vende. Ninguém nos ficará devendo pelo bem que possamos fazer, porque nós mesmos é que somos grandes devedores. Se estivessemos quites com Deus, então sim, poderíamos exigir. Lhe recompensa do benefício que prestamos a Seus filhos.

«Dar para receber é industrializar a Caridade. Ademais, verdadeiramente, não damos coisa alguma, visto que tudo pertence a Deus. O homem não tem onde reclinar a cabeça, nem os dentes, nem os cabelos, nem os olhos lhe pertencem. Quando oferecemos um prato de comida a um irmão necessitado, apenas transferimos para outros mãos aquilo que Deus nos confiou. E o fazemos para no futuro termos o direito de receber, caso criamos em necessidade. E dando que recebemos. O pobre, o faminto que ho-

je socorremos, poderá socorrer-nos futuramente. Quem poderá dizer, em si consciência: «esta água eu não bebo?». A Parábola do Rico e Lázaro ilustra bem esta aseritua. Gravei bem a seguinte frase dita num programa radiofônico: «Ninguém nos guardamos para nós um dia leremos que perder, porém aquilo que damos aos outros o guardamos para sempre». Quanto mais damos hoje, mais poderemos receber amanhã, caso a necessidade nos afligir. Quando damos um pedaço de pão, forticamos um organismo, mas quando deixamos de alimentar um faminto, estamos destruindo uma vida; é por isso que Paulo de Tarso nos advertiu: «Não destruas, por causa da comida, aquilo por quem Jesus morreu pregado na cruz. Dez minutos de-

pois de termos negado (um pão, poderá perecer, de inanição, um homem e nós seremos, em parte, responsáveis por essa morte!

Com o dinheiro não fazemos Caridade; apenas cumprimos um dever. Com a alma, porém, podemos fazer grande Caridade. «O maior bem que se pode fazer aos pobres-dizias Albuquerque - não é dar esmolas; é fazer com que possam viver sem recebê-las». Na maioria das vezes, um bom conselho vale mais que um saco de ouro. O alimento da alma é incomparavelmente superior ao do corpo. Erga-se a alma e ela erguerá o corpo.

Jorge Teodomiro de Souza

A Fatalidade em Face da Lei Nova

O povo está acostumado tanto a falar em destino que este vocábulo já se tornou uma verdadeira obsessão.

Vejm-os. Uma pessoa se suicida. Logo dizem que é o destino...

Um alcoólatra não deixa a bebida. E o destino... crescentam.

Um homem é mau por sua própria natureza. Afirma que o destino é o único culpado disso.

Se o homem é bom, o destino é também o responsável direto.

Pelo visto, o que dissemos nas primeiras linhas é o que de fato acontece, uma vez que tudo que se registra é atribuído ao destino.

Então, diga-nos se existe ou não o destino, perguntar-nos-ão. No sentido lato em que é empregado, a nossa resposta categórica é não.

De fato, se esse destino inexorável existisse, onde andaríamos nosso

livre arbítrio e independência, que são palpáveis?

Quantas pessoas existem que tentaram o suicídio e não morreram? Muitas. Onde foi parar então o destino inflexível?

Quantas pessoas dadas ao vício do álcool deixaram de beber? Inúmeras. Onde o destino irredutível?

Quantos homens desalmados se transformaram radicalmente no sentido do bem? Um grande número.

Onde estaria o destino impalpável? Assim sendo, nossa resposta continua sendo não. Não, porque a fatalidade, como nos foi ensinada inconsideradamente, não existe. Se tivesse foros de verdade, não valeria a pena vivermos. Presos a uma fatalidade inelutável, atingiríamos precisamente as raízes do desespero. E daí para a loucura forçada a distância seria apenas de um ténue fio de cabelo.

Se Deus nos ensina, através de Jesus, que nenhuma de suas ovelhas se perderá; se a Lei do Criador informa que a cada um será dado segundo suas obras, ai estão, entre outros, dois ensinamentos divinos que «desautorizam completamente a crença errônea num destino cruel».

Se a paga é de acordo com nossas obras, o destino cai por terra, à falta de amparo.

Se ensinam (muito embora erradamente) que o suicida não tem salvação, por estar, devido ao fato, irremediavelmente perdido; mas, se por outro lado, sabemos convictamente que cada um receberá na razão direta do bem praticado junto aos seus semelhantes; resta-nos afirmar que o destino ensinado ferre todos os cozinheiros princípios de justiça conhecidos.

E, para encerrarmos, só o fato incontestável de podermos praticar o bem e o mal, indistintamente, é o suficiente para afastar de todo o lamentável equívoco chamado de destino, causa primária da desesperança que mora em quasi todos os corações.

Qual, então, a sua conclusão? tornará a perguntar, sem dúvida. E responderemos, com certeza, que o destino é obra nossa. Podermos dar-lhe rancões diferentes. Nosso futuro poderá ser «negro como a asa da gralha». Ou claro e pacífico como a luz da lua em plenilúnio. Nós somos os próprios construtores desse tão falado mas muito mal compreendido fatalismo, com ares apenas de «bicho-papão».

Mudá-lo? Como?

Amado nosso próximo como a nós mesmos, ensina-nos, com legítima asserção, o Mestre dos Mestres.

Waldemar Timachi

ção dos problemas sociais.

O fogão destina-se à Sopa do Menino Pobre a ser iniciada brevemente.

NOVAS DIRETORIAS
Recebemos comunicações de três novas diretorias de Mocidades Espiritas, todas para o exercício de 1959.

A M. E. «Orzeolina de Moura», de Novo Horizonte, elegeu o confrade Nelson Floriano para seu presidente; Nympha Aparecida Alvarenga é a nova presidente da Juv. Espirita «Luz e Verdade»; de Marilite; Jaci Regis presidirá a M. E. «Estudantes da Verdade», de Santos.

VISITAS

O confrade Milton Engrácia de Franca esteve em nossa reunião, acompanhado de sua esposa.

O dedicado confrade, atualmente em S. Paulo, é o representante da MEF na Capital, já que foi, quando aqui residiu, um dos baluartes da MEF.

Alcir Morato, atualmente em férias, vem prestigiando os trabalhos da MEF. Comparece às reuniões e participa do trabalho da «Caravana».

Continuamos os preparativos para a realização desse importante certame que, este ano, tem sua sede na progressista cidade de Bauru. O Conselho Diretor da XII CONCENTRAÇÃO já acertou diversas providências e parece teremos, na tribuna dos dias 26, 27 e 28 de março próximo, oradores capacitados.

Apelamos para todas as Mocidades Espiritas darem seu apoio a esse movimento, aderindo ao mesmo e enviando para os debates e participação

nos pl.nários moços integrados na Doutrina. Nossa reportagem conseguiu saber que a «DECIMA SEGUNDA CONCENTRAÇÃO» de «MEBCESP» contará, este ano, com a presença do valoroso espirita dr. Wautuil de Freitas - Presidente da Federação Espirita Brasileira.

Se isto se der realmente, será mais uma responsabilidade para as atividades desse certame de moços idealistas dentro de nossa Doutrina.

XII Concentração de Mocidades Espiritas

Continuamos os preparativos para a realização desse importante certame que, este ano, tem sua sede na progressista cidade de Bauru. O Conselho Diretor da XII CONCENTRAÇÃO já acertou diversas providências e parece teremos, na tribuna dos dias 26, 27 e 28 de março próximo, oradores capacitados.

Apelamos para todas as Mocidades Espiritas darem seu apoio a esse movimento, aderindo ao mesmo e enviando para os debates e participação

nos pl.nários moços integrados na Doutrina. Nossa reportagem conseguiu saber que a «DECIMA SEGUNDA CONCENTRAÇÃO» de «MEBCESP» contará, este ano, com a presença do valoroso espirita dr. Wautuil de Freitas - Presidente da Federação Espirita Brasileira.

Se isto se der realmente, será mais uma responsabilidade para as atividades desse certame de moços idealistas dentro de nossa Doutrina.

Reencarnação ~ Lei Natural e Justa

Achamos que ninguém vai a uma reunião espírita para escutar o que nem sempre lhe convém e se acontece ouvir exatamente o que vinha escondendo com tanto zelo e esforço, devemos convir que há algo de superior à sua vontade. Escutar de um espírito manifestado, por um médium que nunca se viu, a revelação de um fato que muitas vezes até nos compromete, comprova, sem a menor dúvida, a realidade espírita.

J. Artur Findlay, em seu magnífico livro «No Limiar do Eterno», conta que quando conheceu o grande médium John C. Sloan e teve ocasião de assistir pela primeira vez, em 20 de setembro de 1918, aos fenômenos de voz direta, uma voz se pôs a falar de frente dele. Inexplicável, não deu a mínima importância, até que um dos assistentes, exatamente aquele que se encontrava ao seu lado, observou-lhe que alguém queria lhe falar. Atendendo e interrogando a voz, obteve a informação de que era seu pai - Robert Downie Findlay. Nessa ocasião, o pai, conforme ele afirma, referiu-se a uma certa coisa íntima, que só era conhecida de três pessoas. Ele, seu pai, e uma outra pessoa que já havia falecido. O espanto de Findlay foi maior quando, tendo seu pai concluído, a terceira pessoa apareceu e falou sobre a questão, prossequindo a conversação que o pai começara.

Nenhuma das pessoas presentes o conhecia, e por precaução nem sequer dera o seu nome na entrada, sendo, portanto, impossível saber-se qualquer coisa a seu respeito.

Nas reuniões subsequentes teve ocasião de falar com muitos de seus amigos falecidos, que davam seus nomes e seus endereços exatos na Terra - segura ele - e pelos mesmos ouvia coisas de que nenhum dos presentes, exceto ele, podia ter conhecimento.

Mc Cully, um dos frequentadores das reuniões, recebe, através de Sloan, mensagens de seu irmão Johnny, falecido na idade de 12 anos, que era o caçula e

também o preferido de sua mãe. Com a morte do srzinho, sua mãe, tendo ficado muito abalada foi, a conselho da família, para a Austrália. Lá continuou porém muito pesada e desanimada.

Johnny, em sua primeira manifestação, pede ao irmão para dizer a sua mãe para não se mortificar tanto, pois, sua sfilção causava-lhe sofrimento. Mc Cully, prevenido e na intenção de comprovar a exatidão da manifestação, interroga o espírito que se dizia seu irmão sobre o lugar em que se encontrava naquele momento sua mãe. Johnny informou-lhe que a mesma se achava a bordo de um transatlântico, mas ao ser perguntado se estava de volta, respondeu negativamente.

Mc Cully, após a reunião, não compreendendo porque sua mãe estava a bordo de um vapor, desde que não pensava em voltar à sua casa, escreve-lhe e fica sabendo que a mesma tomara uma embarcação que fazia a volta da Austrália e que pretendia visitar a filha em Sydney. Chegada nesta cidade foi levada pela filha a um médium que afirmou o mesmo que ele ouvira de Sloan, quanto ao desassossego.

Algum tempo depois recebeu um telegrama participando a morte de sua mãe. A noite desse mesmo dia vai à reunião em casa de Sloan, insiste em falar com o Guia White, porém a senhora Sloan, que era clarividente, vendo que o Guia não queria lhe falar, pede para que ele não insista. Em seguida, por intermédio da referida senhora foi informado que por traz de sua cadeira havia uma senhora, e White, quebrando o silêncio, o informa que tratava-se de

uma mãe, personagem que Mc Cully esperava que se manifestasse desde o início dos trabalhos. Ao perguntar se tinha alguma coisa para lhe dizer, ouve, estupefato, o seguinte: — «Sandy, Sandy, desejo transmitir-lhe um recado de seu pai. Quer que você escreva aos seus. Ele não está satisfeito com você». Mc Cully confessa que ficara perturbado com o que ouvia, pois, por questão de dinheiro contendera com os parentes e deixara por isso de escrever e pensar nele.

Um dos assistentes - Diz Findlay - ouviu de um espírito manifestado a descrição do caráter de todos os seus filhos, o qual deu conselhos especiais acerca de como deveria proceder com o mais velho, que era sobremaneira turbulento. O assistente, a quem a voz se dirigira, reconheceu como sendo de sua esposa recentemente falecida e que lhe falara exatamente como o teria feito se ainda vivesse na Terra, com conhecimento de todas as características da família, e concluiu assim: — «Nem o médium, nem nenhum dos presentes sabem de coisa alguma com relação a mim ou à minha família».

Marco Aurélio, imperador romano, famoso sob vários aspectos, em seu extraordinário livro «Pensamentos», edição do «Anuário do Brasil», tradução de d. Virgínia de Castro e Almeida, reconhece, como se pode ver à

page 30, que foi auxiliado pelos deuses, agradecendo os bens e as inspirações recebidas, a compreensão dos seus deveres; atribuindo as falhas em seu proceder ao fato de não ter atendido como convinha aos avisos divinos, para não dizer, às suas lições. A página 31, confessa que lhe «foram revelados vários remédios, entre outros, contra os escarros de sangue e as vertigens, isto em Gaeta».

Hoje, podemos, sem qualquer exagero imaginativo, atribuir toda essa ajuda aos irmãos desencarnados; pois, sabemos que os deuses não existiram nem existem. Ele foi apenas ajudado por irmãos que aqui viveram e daqui saíram para um outro plano, levando porém suas idéias, suas afeições, suas preocupações.

Um pai, por exemplo, que muito se esforçou para orientar

o filho, feita a passagem, ainda se preocupa com as ações e pensamentos do mesmo, e se tem autorização para tanto, interfere e aconselha pelo primeiro médium que encontre. Durante o sono conversa com o filho, induzindo-o a domar suas paixões, mostrando-lhe os erros, explicando-lhe os enganos, reforçando-lhe a vontade na prática das boas ações. Cessada com a passagem sua tarefa e responsabilidade com aquele que lhe foi ligado pelos laços de sangue ou afetivos, um outro toma-lhe o lugar, e do mesmo modo emprega os meios adequados para levar o protegido a um progresso maior. Os meios são sempre brandos, nunca ferindo, à exceção de ocasiões sérias, o livre arbítrio concedido pelo Pai, sem forçar, constranger e violentar a vontade de quem não deseja ainda progredir.

Na Terra, o cidadão fere os preceitos penais, a Justiça o pune, retirando-o por uns tempos da circulação, conforme a gravidade da pena. Cumprida a pena, é-lhe concedida novamente a liberdade, cabendo-lhe o direito de ir para qualquer parte e fazer o que lhe convenha, desde que suas ações não importem em desrespeito às leis dos homens. No Espaço, forma-se uma espécie de conselho para restringir o livre arbítrio quando o Espírito, encarnado ou desencarnado, abusa de faculdade que lhe foi concedida, desprezando e menosprezando os conselhos que lhe são dados constantemente. Em um dos livros de André Luiz conta-se até o caso de um cidadão que foi acometido de uma doença porque estava se tornando nocivo a si e ao próximo, afastado que estava dos compromissos assumidos, materiais e morais.

Francisco Cintra

Visitante Ilustre

A Casa de Saúde «Allan Kardec» no próximo p. dia 23 do corrente mês recebeu a visita altamente expressiva do distinto franco, Frei Gastão Jacinto Gomes, da Ordem dos Agostinianos Regoletes, professor do Ginásio Santo Agostinho, da cidade de Muqui, Estado do Espírito Santo.

S. Reva, veio acompanhada do médico do hospital, Dr. Antônio Vieira e Oliveira, tendo percorrido todas as dependências da Casa de Saúde, inclusive a aplicação do tratamento à base de electrochoques, nos enfermos, cujo método já era do conhecimento do ilustre prelado.

S. Reva, demorou-se por largo espaço de tempo entre os internos, conversando e trocando idéias com os mesmos, sobre diversos assuntos, assim como também percorreu todas as instalações, quer da seção feminina, como da masculina, in-

clusive a chácara do hospital, tendo dado vivas demonstrações de admiração por tudo quanto lhe foi dado ver, principalmente o tratamento pela laborterapia, aos enfermos já em restabelecimento e em vias de receber alta e regressarem ao seio dos familiares que deixaram, quando acometidos da doença que os trouxera ao hospital.

A Direção da Casa de Saúde «Allan Kardec», que franqueou ao ilustre padre todas as dependências da Instituição, quer deixar consignados nestas colunas seus sinceros agradecimentos pela honrosa visita, assim como também deseja ao Revmo. Frei Gastão Jacinto Gomes fazer messe de bens espirituais, a par de saúde e paz, a fim de prosseguir na nobilíssima missão de orientador da juventude, iluminando-lhe a senda cristã para implantar nos dias futuros o reinado do amor e da fraternidade entre os homens.

HOSPITAL ESPÍRITA DE MARÍLIA

Temos em mãos um bem minucioso relatório do Hospital Espírita de Marília, filiado ao Instituto Assistencial Espírita dessa mesma cidade, pelo qual tomamos conhecimen-

to dos relevantes serviços assistenciais ali desenvolvidos durante o exercício p. passado, bem assim de todo o movimento hospitalar de entradas, saídas e tratamento de enfermos psicopatas, constituindo o referido relatório de demonstração do alto nível de que é dotado o hospital, como bem atesta o número elevado de doentes que dali saíram, totalmente recuperados para a sociedade.

Nossas felicitações ao corpo diretivo e clínico do Hospital Espírita de Marília e nossos agradecimentos pela remessa de seu Relatório.

A Semana da Fraternidade congrega numeroso grupo de entidades espíritas, de Borda da Mata, e em seu programa constam diversas conferências e mesas redondas entre diretores de Grupos e dirigentes médicos, para discussões exclusivamente de caráter espiritualista e de mediunidade.

No próximo número daremos notícias circunstanciadas do movimento, de acordo com o programa elaborado pela comissão, que ficou constituída dos seguintes diretores:

Presidente: Ottonine Clito Schetino; Vice-Pres.: Jerry Labatte; Sectr. Geral: Rodrigo Moreira Júnior; 2.º Sectr.: José Lopes do Sacramento; Tesoureiro: Manoel Ribeiro Sobrinho.

Representa o Jornal «A Nova Era», nesse conclave, nosso confrade Jaime Ribeiro da Silva.

858 hóspedes com 1707 pernoites
147 menores com 316 idem
TOTAIS: 1.005 hóspedes com 2.023 pernoites

SEÇÃO FEMININA:
201 hóspedes com 409 pernoites
108 menores com 206 idem
TOTAIS: 309 hóspedes com 615 pernoites

RESUMO GERAL:

Durante o ano de 1958, o Albergue Noturno atendeu a 1.314 pessoas, com 2.638 pernoites, não faltando, apesar da carência de recursos, o lanche pela noite e pela manhã, bem como meios diversos, tais como roupas e dinheiro aos mais necessitados.

Franca, 31 de Dezembro de 1958

José Russo — Presidente
Dr. Sylvio Marcondes Luz — Médico Assistente
D. Maria de Oliveira Aguiar — Zeladora
Procurador — Augusto Fanan.

ALBERGUE NOTURNO

Dep. Assistencial do Centro Espírita «Judas Iscariotes»

Movimento Geral Durante o Ano de 1958

SEÇÃO MASCULINA:

SEÇÃO FEMININA:

RESUMO GERAL:

“DA EVOLUÇÃO DO SER”

João Batista Rosa

Nossa alma, ao ser criada pelo Pai Amantíssimo, foi concebida em estado de pureza e inocência; e facultando-nos a inteligência, enviou-nos a esta esfera educacional, a fim de aurirmos os conhecimentos indispensáveis à nossa elevação Moral e Espiritual, à custa de nosso labor e esforço.

Pôr nós mesmos, dificilmente atinaríamos com o caminho mais curto, para a realização do objetivo de nossa Vida na Terra!

O Pai, providente e misericordioso, a fim de poupar-nos inúteis peregrinações, enviou-nos, de vez em quando, Espíritos pertencentes à esferas mais altas, a fim de orientar-nos no caminho da Vida.

São os Mestres, que aportam a estas plagas, para ensinar-nos, pela palavra e pelo exemplo, a trilha da liberdade Soberana!...

Jesus, o incomparável Mestre, entre os demais que palmilharam as sendas obscuras deste planeta expiatório, indicou com seus ensinamentos e exemplos, a direção de nossos passos ao futuro luminoso de nossas almas.

Os infelizes, que por egoísmo ou maldade se transiam, dessa rota por Ele traçada, voltaram certamente, para recomeçar a trajetória menos-prezada, em situações mais penosas e aflitivas, porque, para seu próprio bem, ser-lhe-ão tolhidas as causas promotoras de sua própria queda.

O livre arbítrio é patrimônio universal de todos os seres, entretanto, quando se faz necessário, em seu próprio benefício, ser-lhe-á tomada essa liberdade; daí, o vermos seres desprovidos de certos recursos naturais, deformados em sua constituição física, que em muitos casos comovedores, são considerados, pelos materialistas ou ignorantes da Justiça Suprema, como monstros taratológicos, desprovidos de visão, de audição, da palavra, da inteligência e por vêzes, até dos meios de locomoção do próprio corpo deformado!

Entretanto, para aqueles que já vislumbraram horizontes mais vastos para as atividades da Alma, que já sentiram no coração palpitar os sentimentos da Fé, da Caridade e do Amor, ser-lhe-á dadas maiores oportunidades de ascensão na hierarquia Espiritual.

Já, cinco séculos aproximadamente, antes da vinda do Messias Redentor a este planeta, na condição de Guia Espiritual e Moral do homem, os filósofos Platônicos definiram o homem como pertencente à raça dos «Demiúrgos», que quer dizer, «Deuses em potência», ou melhor, a galha Divina, destinada à Evolução permanente para Deus.

No entanto, para ascendermos a tão elevadas e luminosas alturas na hierarquia Divina é indispensável despertarmos as «Virtudes Divinas» que se encontram, em estado embrionário, adormecidas em nosso «Ego Imortal»...

Como nada na Natureza dá saltos, Deus, o Sumo Poder, ao soprar no fardo humano a centelha imortal, concedeu, para a realização integral dessa formidável Evolução, o Infinito e a Eternidade.

E dotando-nos de uma parcela limitada do livre arbítrio condicionou a durabilidade dessa trajetória ascensional ao nosso próprio esforço!

Daí a necessidade das Vidas Sucessivas, visto que, em

o período de uma única existência, que por vêzes é bem curta, diminuta até, jamais nos permitiria atingir o desideratum de nossa existência nos planos físicos!...

Condiçionad» que somos pelas nossas ações de cada dia, de cada etapa vencida na romagem Terrena, extraímos o veredicto que determina, pela Lei inexorável de «ações e reações», as sobre-

cargas de espição e dôres em próximas existências ou o alijamento do péso do fardo, que desde um passado remoto, trazíamos aos ombros!

Qualquer sombra que obscureça a nossa consciência, em relação ao não cumprimento de nossos deveres perante a imutável Lei da Evolução do Espírito, permanecerá impressionando em nossa psiquê, em vidas após vidas, até que a mácula seja lavada por nós mesmos, com

nosso esforço próprio, com o suor do trabalho ou com o pranto das expiações redentoras!

Sabendo-se que o «Bem» é a expansão da Luz e que o «Mal» é condensação das Trevas para o nosso Espírito, procuremos praticar incessantemente o «Bem», evitando todo «Mal» possível, para que a Potência Criadora nos permita subir, e subir sempre, sem os pesados tributos da dor e do sofrimento.

O HOMEM

Roberto Della Togna

O meu estranho visitante refletiu-se como bem quiz na ampla e confortável poltrona. Estirou as longas e magras pernas sobre a cadeira que lhe estava em frente, num genuíno espreguiçamento que lhe fez estalar as juntas anquilozadas pela postura anterior. Em seguida fixou-me atentamente com aqueles olhos profundos e perscrutadores, esvurmando-me os pensamentos mais ocultos e secretos. Sua voz, grave e soturna, fez-se ouvir novamente:

«O Homem...»

«O vil animal, vergonha da criação. Torva e nebulosa figura que, dotada de inteligência diabólica, domina a superfície da terra e as entranhas do espaço, assessorando impiedosamente, tanto aos outros animais como aos seus semelhantes. Veja, meu amigo, o homem vive matando!»

«Aos outros animais, aos que não pertencem à sua brutal espécie, liquida-os por dois motivos que julga imperiosos: a voracidade carnívora do estômago famélico e o prazer destruidor da caça a que, solertemente, denomina esporte. Aos seus semelhantes, pelo instinto da defesa que, «gosticamente», qualifica de material ou moral. Material, para ele, é o conjunto de interesses econômicos ou financeiros, forjados na ululante caverna da sua inconcebível maldade. Moral, porque a natureza incrustou-lhe no pensamento o tão decantado amor próprio, como a espicar-lhe, em dúbias instigações, a fonte perene da perversidade que lhe habita o coração empedernido. E assim, no torvelinho de suas ambições criminosas, sentindo a cada passo e em cada instante, o imperativo de seu pavoroso orgulho, caminha, como herói de negra fama, pela senda do ódio e do rancor, chafurdando no tenebroso oceano do seu próprio mal. «Na exuberância de sua vida, quando lhe canta a mocidade e a saúde que julga eterna, esquecido

da eternidade que o espera, cria para satisfação de seus desejos um sér material que lhe absorve constantemente os funestos pensamentos: o dinheiro. Em torno dessa mirífica imagem dourada passa a existência em abjeta adoração, mandando às urtigas o mais elementar e comedido dever da solidariedade humana. E que somente com a posse do ultra poderoso metal vê abrir-se-lhe as portas zombadas do prazer, da alegria e da glória. Porém, animal eternamente insatisfeito que é, não se detem apenas dentro do imenso círculo que o dinheiro lhe proporciona. Vai além, na incessante busca que lhe dita a desmedida ambição. O campo do visinho agora lhe desperta a cobiça insopitável. Agora lhe é necessária a prudência. A princípio, atitudes cautelosas, eis que então lhe fala a covardia inata - e vai daí, o sorriso melífluo, o negaceamento selvagem; depois, a tocia assassina, o extermínio físico ou moral do semelhante e, por fim, a glória da posse há tanto ambicionada.

«Pobre, reveste seus gestos de humilhação modesta. Rico, arrota grandezas insuportáveis, abandonando, rápido e rastelro, o amigo sem dinheiro de ontem, com receio que este lhe peça um empréstimo. Em suas elucubrações luciferinas ri-se da desgraça alheia com a mesma disposição com que se rõe de inveja, se o seu vizinho acertou num bilhete de loteria. No conjunto de seus vis sentimentos a vaidade aflora à superfície escabrosa. E de se ver, então, o esgar simlesco, que deveria ser um sorriso humano, a lhe fen-

AOS NOSSOS ASSINANTES.

Solicitamos de nossos assinantes o favor de nos comunicar qualquer alteração em seus endereços, a fim de que possamos fazer a devida regularização em nosso fichário, garantindo assim a entrega pontual de nosso Jornal pelos serviços postais.

Jornal «A Nova Era»

O JORNAL DA FAMILIA ESPIRITA BRASILEIRA
Órgão de propriedade da Casa de Saúde «Allan Kardec»
Rua José Marques Garcia, 451 - Cx. Postal, 65 - FRANCA - E.S. Paulo
Preço da Assinatura: Cr\$ 50,00

Junto remeto a importância de Cr.\$ 50,00 para uma assinatura anual.

Nome _____
Rua _____
Cidade e Estado _____

der a boca de orelha a orelha, quando o seu nome reponta quase sempre por motivos ócos, nas páginas da imprensa bajuladora e venal.

«Porém, meu amigo, se a vaidade lhe apresenta apenas uma faceta da sua imperfeição, ela ainda nada seria no quadro das qualidades negativas do homem. Toda a sua deficiência, toda a sua imperfeição se consubstancia num ponto fundamental. Fonte geradora do seu tremendo egocentrismo; falta de sentimento religioso. O Homem não é, por convicção, religioso. «Se os sublimes preceitos do Mestre Divino tivessem vencido a couraça da perversidade que o reveste, o homem lastrearia de amor os passos obscuros de sua existência. O sentimento da fraternidade apenas lhe ilumina a consciência em rápidos e curtos fulgores, e isto somente no ocase da vida, quando vislumbra, aterrado, o limiar da eternidade misteriosa, quando percebe a inutilidade absoluta das riquezas materiais, às quais se escravizara inteiramente durante a sua trajetória pela terra.

Do próprios ensinamentos divinos se tem servido para a eclosão de guerras fratricidas. À proporção que se difunde a leitura das Escrituras Sagradas, à medida que as torres das igrejas se erguem para o azul do infinito como súplica à Suprema Misericórdia, o homem mais se afunda no turbilhão imediatista dos seus interesses materiais. A humanidade se caracteriza pela sucessão atarradora das guerras que provoca, pela eclosão dos ígneos furacões que levam a morte e o desespero a milhões de lares espalhados pela superfície do globo que habita. O homem, em sua infinita bestialidade, na ânsia de obter o galarão da dúbil vitória conquistada, não se detem ante a sublime e comovedora inocência estampada no rostinho de milhões de crianças. Na voracidade destruidora que lhe brota da mente entorpecida, ao impeto de seus objetivos inconfessáveis, esquece, não sente, não ouve a enteneecedora música celestial emanada da bíblica expressão: «Deixai vir a mim os pequeninos...»

«O homem procura fugir à sua própria consciência. O orgulho absorvente lhe impede de olhar objetivamente para a fragilidade de sua vida, para a sua infinita pequenez dentro do conjunto grandioso da natureza. Não olha para o alto, não acompanha com os olhos do pensa-

mento a evolução de milhões de galáxias escalonadas, nas profundezas insondáveis do infinito. Não se comove ante o deslumbramento inenarrável das auroras e dos crepúsculos.

«O gorgoleio dos pássaros nas matas sombrias, o rumor da cascata além do remanso profundo, a melopéia suave que se ergue da vestidã das solidões agrestes, formando, na harmonia do conjunto, o hino da Divindade Criadora, não lhe fazem vibrar as íntimas cordas da sensibilidade, dessa sensibilidade que deveria dar-lhe a noção da sua insignificância. O orgulho e a torpeza de sentimentos lhe reveste, em cortina intransponível a fonte da sensibilidade.

«O homem, meu amigo, é mau, essencialmente mau, terrivelmente mau...»

Calou-se o meu estranho visitante.

O som cavo de suas palavras, como que se distanciando no lento processo de absorção pelo silêncio, extinguiu-se todo.

Com os olhos semi-cerrados ainda pude ver os contornos angulosos do scturno personagem. Porém, à medida que a voz se distanciava, tornando-se inaudível, seu corpo se desvanecia, acabando por desaparecer completamente.

Achei-me só no silêncio envolvente da sala solitária...

«PEDRAS NO CAMINHO»

Já se encontra à venda este Livro, de autoria de José Russo, cuja renda se revertirá em benefício da construção do Lar da Velhice Desamparada, de Franca.

Preço Cr\$ 60,00 (INCLUSIVE PORTE)

Moço Espírita!

Bauru espera a sua colaboração para a XII CONCENTRAÇÃO DE MOCIDADES ESPÍRITAS DO BRASIL CENTRAL E ESTADO DE SÃO PAULO, a realizar-se em Bauru nos dias 26, 27, 28 e 29 de Março.

RESPEITO AOS MÉDIUNS

Aurélio A. Valente

O médium é um intermediário entre os mundos visível e invisível, todos sabemos disso. A variedade de dons é extraordinária, por esse motivo a mediunidade deve merecer acurado estudo de todos os espíritas. O número de médiums é incalculável, entretanto, bons médiums, ou mais acertadamente, médiums seguros há bem poucos e raros são apóstolos. O médium torna-se apóstolo quando consegue um perfeito equilíbrio entre a alma, o corpo, ou seja a inteligência, o amor e a matéria. Raros, portanto, são os médiums de qualquer faculdade que alcançam plena harmonia de suas vibrações ternárias.

É necessário estudar, limpar o coração e ser sóbrio; meditar, evangelizar-se e cuidar do corpo com extremo cuidado, por ser o instrumento da evolução de sua alma. Sem humildade e renúncia, sem preparo intelectual e doutrinário, o médium não progride, não poderá tirar proveito para si e para o próximo, de sua faculdade. Foi por essa razão que o Espírito de Verdade sentenciou: «Espíritas, estudaí, eis o primei-

ro, ensinamento, amai-vos eis o segundos».

Todos quantos se dedicam ao estudo e prática do Espiritismo sabem ser diminuto o número de médiums verdadeiramente competentes de seus deveres.

Precisamos de médiums equilibrados, seguros, e por conseguinte, merecedores de plena confiança.

Cada médium pode operar prodígios no âmbito de sua faculdade, pois não há médium capaz de produzir todos os fenômenos. Cada um tem a sua especialidade e deve aprimorá-la.

Há um médium que tem se destacado em todos os sentidos dentre os demais intermediários. Todos conhecemos — Francisco Cândido Xavier, ou simplesmente Chico Xavier, ou apenas Chico para os íntimos. É médium perfeitamente equilibrado, seguro e por essa razão inspira plena confiança. A psicografia inconsciente é o seu dom e a sua particularidade: literária, científica, social e histórica. Quem analisou os livros recebidos medicamente por ele e editados pe-

la Federação Espírita Brasileira, pelos quais, ele Chico não autere coisa alguma, chega a esta nossa conclusão.

A facilidade com que recebe as mensagens do Além, a sua renúncia, a necessidade de atender às angústias dos sofredores de toda sorte levaram-no a tornar-se também médium receitista, entretanto não é sua especialidade. Foi mais uma graça alcançada pela sua grande dedicação à Causa, a seu verdadeiro apostolado. As receitas por seu intermédio são acertadas e a orientação dos tratamentos correta.

Por tudo quanto Chico Xavier tem feito, por todas as consolações, orientações preciosas, ele deve ser respeitado. Sim, muito respeitado pelos espíritas e por todos quantos vão ao Centro em que ele trabalha. Os médiums merecem respeito e consideração, o Chico deve merecer muito mais.

Os espíritas devem facultar-lhe uma compensação fraterna da falta de respeito e consideração daqueles que ainda não iluminaram a sua inteligência com a Luz da Nova Revelação, que ainda não limpam seus corações da malícia e dos interesses mundanos, e de quando em vez, no anelo de fazer nome, de aparecer, de agradar ao clero, atiram-lhe pedras de todos os tamanhos.

O respeito e consideração pelo Chico, que muito poderá agradecer-lhe é pouparem-no, os espíritas, simpatizantes e todos que comparecerem ao Centro «Luz de Gonzaga» onde ele trabalha, de consultá-lo sobre questões de somenos impor-

tância, problemas domésticos que podem ser resolvidos em casa, doenças imaginárias, enfim, sobre as coisas mais pueris deste mundo. Atender a cerca de 300 receitas, escrever durante 3 ou 4 horas consecutivas é tarefa assombrosa e sumamente cansativa.

Os confrades do Centro Espírita «Luz de Gonzaga» deveriam deliciar no sentido de encontrar médiums receitistas a fim de prepará-los para prestarem auxílio ao Chico. É verdade que muitos só confiam no Chico; a esses diremos, a vida do corpo não é indefinida. Quem já pensou no exgotamento do médium? Seguindo ouvimos dizer, ele já mereceu a graça, ou foi obrigado a aumentar o seu sacrifício, não sabemos definir, de permanecer mais algum tempo entre nós. Assim, é preciso pensar no que será após a sua partida. Como ficarão os que necessitam de socorro?

Se há necessidade de poupar-lo por esse lado, melhor cuidado deverá haver por par-

te dos apresentadores de livros, que surgem no momento das sessões, retardando os trabalhos, com dezenas de livros para o Chico autografar e... com dedicatória. Que vale um livro na estante, como relíquia para exibir aos amigos, sem que o seu conteúdo seja estudado, apreciado? Em certa noite vimos o Chico, de pé, durante mais de uma hora, com o olhar manso e triste, com sorriso desalentado, suportando a fila dos apresentadores de livros. Quase 100 livros para autografar. Um livro espírita estudado, lido e compreendido, servindo de bússola é mais valioso que um outro com autógrafo e abandonado.

Pobre Chico, não sabe recusar-se, mas suas vibrações partiam fortes e chegaram a nós... «essa gente não tem pena de mim».

Respeitemos pois, o médium Francisco Cândido Xavier, respeitemos todos os médiums trabalhadores de Sears do Mestre.

Concentração da Campanha da Fraternidade «Auta de Souza»

Conforme temos noticiado, instalar-se-á em nossa cidade, no próximo dia 7 de fevereiro, a III CONCENTRAÇÃO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE «AUTA DE SOUZA».

No aproveitamento dos dias de Carnaval, estarão os jovens espíritas tirando melhor proveito para ajustarem programa e providências a favor desse trabalho de profunda significação no meio espírita. É presidente do Conselho Diretor nosso conhecido «caravaneiro» dr. J. Simão Caleiro, que muito tem

feito para o êxito de mais essa empreitada de solidariedade humana. A Concessão terá duração de 7 a 10 de fevereiro e tudo indica esses dias serão profícuos em favor de melhor uniformidade de esse trabalho. Essa campanha tem como inspirador o espírito lúcido de Auta de Souza, que por intermédio de Francisco Cândido Xavier, sempre incentivou os espíritas para trabalho de assistência direta aos necessitados de todas as idades e de todas as horas.

Casa de Saúde «ALLAN KARDEC» DONATIVOS RECEBIDOS

FRANCA: Manoel Sardinha	Cr\$ 600,00
» Renato Caleiro	5.000,00
» Elias Bichler Haber	50,00
» Cleomar de Oliveira	50,00
GOIÂNIA: Da. Maria de Paula	500,00
LONDRINA: Da. Lylyvia Curcini	50,00
S. T. AQUINO: Da. Magdalena Fontana	500,00
ARARAQUARA: Da. Maria Teixeira	100,00
UNIÃO DA VITÓRIA: Antonio Marconcini	500,00

FRANCA: Waldemar Vanini, em pães Cr\$ 50,00; Padaria Minerva, em pães Cr\$ 440,00; Manir Bitar, 2 dzs. de pratos; Casa Nazareth: 4 pares de sapatos, 2 camisas, 2 pijamas, 1 terno de tropical; Miguel Berdú, 1.700 bananas; José A. Caçola, 35 melancias; Da. Ruth Delaporti, em pães Cr\$ 50,00; União Franca de Amigos, 1 saco de arroz, 26 ks. de macarrão; Usina de Laticínios «Jussara», 100 litros de leite, 10 ks. de manteiga; Geraldo Martins Tristão, 1 galinha e 1 frango; Homero Barbosa Sandoval, 5 sacos de batatas; Gualter de Almeida, 25 ks. de macarrão; Herclio Orsini, em pães Cr\$ 100,00; Salim Abrão, em pães Cr\$ 200,00; Acácio Ferreira, 30 ks. de carne de vaca; Antonio Pimenta, 1 vaca c/ 160 ks.; José Cândido Tostes, 32 ks. de carne de vaca; Jeovah França, 15 ks. de carne de vaca; Da. Deolinda da Silva, 20 litros de leite; Bernardino Ferreira Rosa, 15 litros de leite; Bambú Club, em pães Cr\$ 200,00; Alcides Mendes Junqueira, em pães Cr\$ 200,00; Aristóteles Machado Branquinho, em pães Cr\$ 400,00; Da. Elvira Pinto Vieira, 2 latas de balas; Antonio Alves Pereira, 26 ks. de carne de vaca; Nadini Nehemy, 2 caixas de tomates; Mógnes Ferreira - Fábrica de Doces «Peixe», em doces Cr\$ 400,00; Archetti & Cia. Lta., 20 ks. de pães; Da. Maria Januária da Costa, em pães Cr\$ 100,00; João Bruna, em pães Cr\$ 150,00; Waldemar Vanini, em pães Cr\$ 50,00; Antonio Delatorre, 16 cachos de bananas; Est. Cel. P. Lima - Antonio Borsoni, 6 frangos.

JUNDIAÍ: Indústria Pozzani S/A - 6 aparelhos de louças para chá.

S. TOMAZ DE AQUINO: Vicente Caparelli Sobrinho, 1 saco de café em côco.

MIRAMONTES: Jerônimo Francisco Pires, 22 ks. de carne de vaca.

IBIRACÉ: Da. Maria Aparecida, 2 casacos usados; Osvaldo Careta, cm doces e quitandas Cr\$ 800,00; Da. Jerônimo Maria Honório, 1 saco de feijão, 3 casacos; Adjaime Carrijo, 1 capado c/ 60 ks.

PATROCÍNIO PAULISTA: José Custódio de Mello, 2 frangos, 21 ks. de feijão.

RIB. CORRENTE: Virgílio Xavier, 15 ks. arroz limpo e 15 ks. de feijão.

ITUVERAVA: Faz. Bonfim - Da. Maria Quereza, 1 saco de café em côco.

S. J. DA BELA VISTA: Faz. Salto Alegre - Josefa Bertola Limonta, 60 ks. de carne de vaca.

Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec», deixo aqui consignado meu profundo agradecimento pela bondade e cooperação de todos, rogando a Jesus para dar-lhes a devida recompensa.

Franca, 19 de janeiro de 1959

JOSÉ RUSSO — PROVIDOR — GERENTE

ELEIÇÕES EM MONTE ALEGRE DE MINAS

Para reger os destinos do CENTRO ESPÍRITA «ALFREDO JÚLIO», ABRIGO «PADRE CHICO» e ESCOLA «ALFREDO JÚLIO», foram escolhidos os seguintes elementos:

Presidente: Marciano Salviano da Costa; Vice-pres: O-

PASSAMENTO

Em Itaguairú, no Estado de Goiás, onde residia, fez seu passamento em 26 de novembro p. passado, o estimado confrade Floripes Luiz Ribeiro, notícia essa de qual somente agora tivemos conhecimento.

O confrade Floripes, velho e útil servidor da Doutrina Espírita, desencarnou aos 51 anos de idade, deixando numerosa e laboriosa família, que ele sempre norteara para a prática do bem e das virtudes cristãs.

Muito lhe ficou a dever o Centro Espírita «Discípulos de Jesus», daquela localidade, cujas sedes só se poud construir graças aos seus esforços e valiosas ajudas.

Na pessoa de Da. Augusta Caetans de Jesus, sua dedicada consorte, hipotecamos à toda a sua família nossa solidariedade nesse transe difícil, rogando ao Mestre Jesus proporcionar muita luz e paz a esse valeroso espírito, que ora volta ao mundo espiritual depois de uma existência trabalhosa e profícua.

livia Mendonça de Ribeiro; Sec. Maria de Lourdes Bisnchi Arantes; 2a. Sec.: Aurora Teodora de Moura; 1.a Tes.: Norma Marques; 2.a Tes.: Amélia Resende de Oliveira; Oradora: Anita Reis; Bibliotecária: Alice Teodora de Moura; Procurador: José Benedito dos Reis; Zelador: Lívio Gonçalves Sebastião; Diretor geral: Marciano Salviano da Costa; Sub-diretores: Elviro Onofre de Faria e João Batista de Souza; Presidente de honra: Ariston Rezende de Rodrigues e Isoleta Alessandri, sen-

do que da MOCIDADE ESPÍRITA «HUBERTO DE CAMPOS» ficou assim constituída:

Presidente: Norma Marques; Vice-pres.: José Benedito dos Reis; 1.a Secretária: Anita Reis; 2.a Sec.: Aurora Teodora de Moura; 1.a Tes.: Maria de Souza Vasconcelos; 2.ª Tes.: Ana Evangelista Ferreira; Oradora: Maria de Lourdes Bianchi Arantes; Bibliotecária: Elza Marques Parreira; Procurador: Lívio Gonçalves Sebastião; Zelador: Leodorico de Freitas; Presidente de honra: Marciano Salviano da Costa.

ESPÍRITO DE DEUS

Vem sobre nós o Espírito divino,
por sobre a nossa pobre humanidade.
Vem do Alto uma voz, um doce hino
de fé, canto de paz, de suavidade...

Vem até nós o Anjo da Caridade
com seu manto de luz alabastrino;
vem sereno, vem calmo e nos invade
de paz - orvalho puro, cristalino.

Vem até nós a música celeste,
o suave rumor da crença eterna,
O sonho manso, que nos ilumina.

Ó Deus! quanta alegria que nos deste!
Vem até nós a graça sempiterna
da bondade puríssima, divina!...

CLOVIS RAMOS

